

## **Estratégias psicopedagógicas para dificuldades de leitura: efeitos na fluência e compreensão leitora**

Psychopedagogical strategies for reading difficulties: effects on reading fluency and reading comprehension

Estrategias psicopedagógicas para las dificultades de lectura: efectos en la fluidez y la comprensión lectora

Vandirene Alves Malheiro

**RESUMO** - As dificuldades de leitura constituem um dos desafios mais persistentes no percurso escolar, pois comprometem não apenas o desempenho em língua portuguesa, como também a apropriação de conhecimentos em todas as áreas curriculares. A leitura envolve reconhecimento de palavras, fluência, compreensão, memória, atenção, vocabulário e construção de sentidos. Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira estratégias psicopedagógicas podem contribuir para o desenvolvimento da fluência e da compreensão leitora em estudantes com dificuldades de aprendizagem. Considera-se a leitura como prática cognitiva, linguística e escolarmente mediada. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, fundamentada em estudos sobre aprendizagem da leitura, dificuldades leitoras, intervenção psicopedagógica, fluência e compreensão textual. Parte-se do entendimento de que intervenções sistemáticas, planejadas e sensíveis ao perfil do estudante podem favorecer avanços na precisão, na velocidade, na expressividade e na compreensão. Há que se articular atividades de consciência fonológica, leitura guiada, ampliação vocabular, monitoramento da compreensão e mediação intencional do professor ou psicopedagogo. Conclui-se que a intervenção psicopedagógica não deve reduzir a dificuldade leitora a um problema individual do aluno, pois seus efeitos dependem da identificação cuidadosa das necessidades, da continuidade das práticas, da articulação entre escola e família e da criação de experiências de leitura significativas, capazes de transformar a relação do estudante com o texto escrito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicopedagogia. Dificuldades de leitura. Fluência leitora. Compreensão leitora. Aprendizagem.

**ABSTRACT**- Reading difficulties constitute one of the most persistent challenges in the school trajectory, as they compromise not only performance in Portuguese language studies, but also the appropriation of knowledge in all curricular areas, since reading involves word recognition, fluency, comprehension, memory, attention, vocabulary, and the construction of meaning. This article aims to analyze how psychopedagogical strategies can contribute to the development of reading fluency and reading comprehension in students with learning difficulties, considering reading as a cognitive, linguistic, and school-mediated practice. The research is characterized as bibliographic, grounded in studies on reading learning, reading difficulties, psychopedagogical intervention, fluency, and textual comprehension. It is based on the understanding that systematic, planned interventions sensitive to the student's profile can favor progress in accuracy, speed, expressiveness, and comprehension, especially when they articulate phonological awareness activities, guided reading, vocabulary expansion, comprehension monitoring, and intentional mediation by the teacher or psychopedagogue. It is concluded that psychopedagogical intervention should not reduce reading difficulty to an individual problem of the student, since its effects depend on the careful identification of needs, the continuity of practices, the articulation between school and family, and the creation of meaningful reading experiences capable of transforming the student's relationship with written text.

**KEYWORDS:** Psychopedagogy. Reading difficulties. Reading fluency. Reading comprehension. Learning.

**RESUMEN:** Las dificultades de lectura constituyen uno de los desafíos más persistentes en la trayectoria escolar, ya que comprometen no solo el desempeño en lengua portuguesa, sino también la apropiación de conocimientos en todas las áreas curriculares, puesto que la lectura implica reconocimiento de palabras, fluidez, comprensión, memoria, atención, vocabulario y construcción de sentidos. Este artículo tiene como objetivo analizar de qué manera las estrategias psicopedagógicas pueden contribuir al desarrollo de la fluidez y de la comprensión lectora en estudiantes con dificultades de aprendizaje, considerando la lectura como una práctica cognitiva, lingüística y mediada por la escuela. La investigación se caracteriza como bibliográfica, fundamentada en estudios sobre el aprendizaje de la lectura, las dificultades lectoras, la intervención psicopedagógica, la fluidez y la comprensión textual. Se parte del entendimiento de que las intervenciones sistemáticas, planificadas y sensibles al perfil del estudiante pueden favorecer avances en la precisión, la velocidad, la expresividad y la comprensión, especialmente cuando articulan actividades de conciencia fonológica, lectura guiada, ampliación del vocabulario, monitoreo de la comprensión y mediación intencional del profesor o psicopedagogo. Se concluye que la intervención psicopedagógica no debe reducir la dificultad lectora a un problema individual del alumno, ya que sus efectos dependen de la identificación cuidadosa de las necesidades, de la continuidad de las prácticas, de la articulación entre escuela y familia y de la creación de experiencias de lectura significativas, capaces de transformar la relación del estudiante con el texto escrito (Martins et al., 2020).

**PALABRAS CLAVE:** Psicopedagogía. Dificultades de lectura. Fluidez lectora. Comprensión lectora. Aprendizaje.

## INTRODUÇÃO

A leitura ocupa espaço no processo de escolarização porque funciona como instrumento de acesso ao conhecimento, à participação social e à autonomia intelectual. Ela ultrapassa a simples decodificação de sinais gráficos e envolve operações cognitivas complexas que permitem ao leitor reconhecer palavras, atribuir sentidos, relacionar informações e interpretar textos em diferentes situações comunicativas. No contexto escolar, a aprendizagem da leitura não se desenvolve de maneira espontânea. Ela exige ensino sistemático, mediação qualificada e acompanhamento das etapas pelas quais a criança passa até alcançar maior precisão, velocidade e compreensão. As dificuldades surgidas nesse percurso podem gerar impactos significativos na vida acadêmica do estudante.

O debate sobre leitura, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo torna-se ainda mais relevante quando se observa que muitos estudantes avançam pelos anos escolares sem consolidar habilidades básicas de leitura. Lentidão, hesitação, trocas, omissões, baixa expressividade, pouca compreensão textual e fragilidade para utilizar estratégias de interpretação são algumas delas. Essas manifestações, quando não identificadas e trabalhadas adequadamente, tendem a repercutir em sentimentos de fracasso, desmotivação, evasão simbólica das atividades escolares e redução das oportunidades de aprendizagem. Este fator exige um olhar

pedagógico e psicopedagógico atento às condições cognitivas, linguísticas, emocionais e sociais que atravessam o desempenho leitor.

Diante deste cenário, o presente artigo se delimita ao estudo das estratégias psicopedagógicas voltadas às dificuldades de leitura, com atenção específica aos seus efeitos sobre a fluência e a compreensão leitora. O problema de pesquisa parte da seguinte questão: de que modo as estratégias psicopedagógicas podem contribuir para a melhoria da fluência e da compreensão leitora em estudantes com dificuldades de aprendizagem no contexto escolar? Essa delimitação permite compreender a leitura não apenas como habilidade técnica, mas como processo que requer intervenção organizada, avaliação das necessidades do estudante e articulação entre práticas de decodificação, ritmo, prosódia, vocabulário e construção de sentido.

Como hipótese inicial, considera-se que estratégias psicopedagógicas sistemáticas podem favorecer a fluência leitora ao permitir maior automatização do reconhecimento de palavras, redução do esforço cognitivo destinado à decodificação e ampliação da atenção disponível para a compreensão do texto. Admite-se, ainda, que práticas como leitura repetida, leitura compartilhada, antecipação de sentidos, discussão de vocabulário, perguntas mediadoras e monitoramento da compreensão tendem a produzir efeitos mais consistentes quando são planejadas a partir das dificuldades reais do estudante. Assim, evitam-se intervenções genéricas que desconsiderem seu percurso de aprendizagem.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as contribuições das estratégias psicopedagógicas para o desenvolvimento da fluência e da compreensão leitora em estudantes com dificuldades de leitura. De modo específico, busca-se discutir a relação entre leitura, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, caracterizar as dificuldades de leitura no contexto escolar, compreender as contribuições da psicopedagogia para a intervenção leitora, apresentar estratégias psicopedagógicas aplicáveis ao desenvolvimento da fluência e da compreensão, além de refletir sobre seus possíveis efeitos no desempenho e na autonomia do estudante leitor.

Este estudo é relevante devido à necessidade de enfrentar as dificuldades de leitura como questão educacional e social. O domínio insuficiente da linguagem escrita restringe a participação do estudante nas práticas escolares, compromete seu desempenho em diferentes disciplinas e pode ampliar desigualdades já

presentes no percurso formativo. Ao discutir estratégias psicopedagógicas, o trabalho contribui para a comunidade acadêmica e para a prática escolar. Ele reúne fundamentos que auxiliam professores, psicopedagogos e demais profissionais da educação na organização de intervenções mais intencionais, inclusivas e coerentes com as necessidades dos estudantes.

A metodologia utilizada consiste em pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de obras e artigos que tratam da aprendizagem da leitura, das dificuldades leitoras, da fluência, da compreensão e das intervenções psicopedagógicas. Esse procedimento permite analisar contribuições teóricas e evidências já produzidas na área. Articula diferentes perspectivas para compreender como a mediação psicopedagógica pode atuar sobre os processos envolvidos na leitura. Busca-se superar práticas fragmentadas e construir respostas educativas fundamentadas, planejadas e sensíveis à diversidade dos estudantes.

## **DESENVOLVIMENTO**

A leitura é uma aprendizagem cultural complexa que reorganiza funções cognitivas e linguísticas. Exige que o estudante compreenda a relação entre linguagem oral e linguagem escrita, reconheça a função dos sinais gráficos, associe letras e sons, identifique palavras com progressiva rapidez e integre informações para construir sentido. Esse processo não se limita à memória visual das palavras nem à repetição mecânica de sílabas. Depende de habilidades fonológicas, atenção seletiva, memória de trabalho, vocabulário, conhecimento prévio e capacidade inferencial. Elementos estes que se desenvolvem em interação com práticas escolares intencionalmente planejadas. Quando a escola compreende essa complexidade, torna-se possível organizar situações de ensino mais adequadas às etapas da aprendizagem leitora. Evita-se, assim, a interpretação simplificada de que a dificuldade decorre apenas de desinteresse ou falta de esforço do estudante (Morais, 2013).

A aprendizagem da leitura envolve uma passagem gradual entre o reconhecimento inicial das relações grafema e fonema e a leitura hábil. Neste momento a decodificação deixa de ocupar a maior parte dos recursos cognitivos

e permite que o leitor concentre sua atenção na compreensão do texto. Essa transição é decisiva. Os estudantes que permanecem presos à decifração lenta e instável tendem a apresentar menor disponibilidade mental para acompanhar a progressão das ideias, recuperar informações anteriores e realizar inferências. Devido a este fator, a intervenção psicopedagógica precisa considerar que fluência e compreensão não são habilidades isoladas. O aumento da precisão e da velocidade pode liberar recursos cognitivos para processos interpretativos mais elaborados, desde que o trabalho com o texto mantenha a preocupação com o sentido e não apenas com a oralização correta das palavras (Meggiato, 2021).

O desenvolvimento cognitivo relacionado à leitura não ocorre de maneira uniforme entre os estudantes. Há diferenças no ritmo de aquisição, no repertório linguístico, nas experiências prévias com textos, nas condições familiares, nas oportunidades de leitura e na qualidade da mediação pedagógica recebida. Crianças expostas a práticas de leitura desde cedo costumam apresentar maior familiaridade com estruturas narrativas, vocabulário mais amplo e melhor compreensão das funções sociais da escrita. Estudantes com menor acesso a essas experiências podem depender ainda mais de intervenções escolares consistentes. A psicopedagogia, nesse contexto, contribui ao reconhecer a singularidade do percurso de aprendizagem e ao propor estratégias que observem tanto os aspectos cognitivos quanto os fatores afetivos e contextuais que influenciam o desempenho leitor (National Research Council, 1998).

A relação entre leitura e aprendizagem torna-se evidente quando se percebe que, ao longo da escolarização, a leitura deixa de ser apenas objeto de ensino e passa a ser meio principal para aprender outros conteúdos. Este fator amplia os prejuízos enfrentados por estudantes que não consolidam essa habilidade nos anos iniciais. A dificuldade de compreender enunciados, localizar informações, interpretar textos didáticos e acompanhar explicações escritas interfere no desempenho em ciências, história, matemática e demais áreas. Isso gera uma cadeia de obstáculos que pode ser confundida com baixa capacidade intelectual. Por isso, a intervenção em leitura precisa ser pensada como ação transversal e preventiva. Desenvolver fluência e compreensão significa ampliar

as condições de participação do estudante em todo o currículo escolar (Snow, 1998).

As dificuldades de leitura manifestam-se de diferentes formas no cotidiano escolar. Podem envolver problemas na decodificação, lentidão excessiva, baixa precisão, leitura silabada, pouca expressividade, dificuldade de recuperar informações explícitas, fragilidade para inferir sentidos e baixa capacidade de monitorar a própria compreensão. Essas manifestações nem sempre aparecem isoladamente. Um estudante pode ler com alguma precisão, mas sem ritmo ou expressividade, assim como pode oralizar o texto de modo aparentemente adequado e, ainda assim, não compreender o que leu. Essa diversidade de perfis exige avaliação cuidadosa. Intervenções padronizadas podem não alcançar a necessidade específica de cada aluno, principalmente quando a dificuldade está na integração entre reconhecimento de palavras e construção de sentido (Salles, 2002).

No contexto escolar, parte das dificuldades de leitura permanece invisível. A avaliação costuma privilegiar respostas finais, notas ou reprodução de informações, sem observar o processo pelo qual o estudante lê, hesita, retorna ao texto, perde a sequência, tenta inferir ou abandona a compreensão. A leitura em voz alta, quando analisada apenas como desempenho público, pode gerar constrangimento e mascarar dificuldades. O estudante tende a evitar exposição ou a memorizar trechos sem realmente compreender. A psicopedagogia amplia esse olhar ao investigar o modo como o aluno se relaciona com o texto, quais estratégias utiliza, quais obstáculos se repetem e quais condições favorecem seu avanço. Desloca a análise de uma perspectiva classificatória para uma perspectiva interventiva (Santos, 2017).

A dificuldade leitora não deve ser interpretada como incapacidade fixa, pois resulta de múltiplos fatores. Fatores estes que podem envolver fragilidades fonológicas, pouca automatização da decodificação, vocabulário restrito, baixa familiaridade com gêneros textuais, lacunas no ensino, ausência de acompanhamento individualizado e experiências escolares marcadas por frustração. Quando esses fatores se acumulam, o estudante pode desenvolver uma relação negativa com a leitura, evitar textos mais longos e participar de forma limitada das atividades propostas. A intervenção psicopedagógica, nesse

sentido, precisa reconstruir não apenas habilidades técnicas, mas a confiança do estudante em sua possibilidade de aprender, criar situações graduais em que o erro seja tomado como indicador de percurso e não como marca de fracasso (Zorzi, 2003).

A identificação precoce das dificuldades de leitura é fundamental para evitar que pequenos atrasos se transformem em defasagens persistentes. A leitura se torna progressivamente mais exigente à medida que os textos escolares ganham extensão, complexidade vocabular e densidade conceitual. A ausência de intervenção nos primeiros sinais de dificuldade pode levar o estudante a acumular prejuízos na fluência e na compreensão, reduzir sua exposição a textos e limitar o desenvolvimento de repertórios linguísticos necessários à própria melhoria da leitura. Desse modo, a escola precisa organizar mecanismos de acompanhamento contínuo, com registros qualitativos e quantitativos que permitam observar o avanço do aluno e ajustar as práticas pedagógicas antes que a dificuldade se consolide (National Institute of Child Health and Human Development, 2000).

A psicopedagogia contribui para a intervenção em leitura ao articular conhecimentos sobre aprendizagem, desenvolvimento, linguagem, afetividade e contexto escolar. Ela permite a compreensão da dificuldade leitora como fenômeno que exige investigação ampla e ação planejada. Em vez de restringir sua atuação à correção de erros, o trabalho psicopedagógico busca identificar como o estudante aprende, quais estratégias já utiliza, quais barreiras impedem seu avanço e quais mediações podem favorecer uma relação mais produtiva com o texto. Essa perspectiva é especialmente relevante porque a leitura envolve dimensões cognitivas e subjetivas. A intervenção precisa considerar tanto os processos de decodificação e compreensão quanto os sentidos que o aluno atribui à sua própria experiência escolar (Alves, 2018).

No atendimento às dificuldades de leitura, a avaliação psicopedagógica assume papel decisivo. Permite reconhecer se os obstáculos estão mais relacionados à consciência fonológica, reconhecimento de palavras, velocidade, expressividade, vocabulário, memória, compreensão inferencial ou à organização das estratégias de estudo. Esse diagnóstico não deve ser visto como rótulo, mas como mapeamento dinâmico das necessidades do estudante. Ele deve orientar a

escolha de atividades mais adequadas e a definição de objetivos progressivos. Quando a intervenção parte de uma avaliação cuidadosa, torna-se possível evitar propostas repetitivas e pouco efetivas. Elas são substituídas por práticas ajustadas ao perfil leitor e acompanhadas por registros de evolução (Cunha et al., 2017).

A atuação psicopedagógica em leitura exige mediação contínua. Muitos estudantes com dificuldades não sabem como proceder diante de um texto, não percebem quando deixam de compreender, não retomam informações importantes e não utilizam estratégias de antecipação, verificação ou síntese. Nesse ponto, a intervenção precisa ensinar modos de ler. Solicitar apenas que o estudante leia mais não é produtor. A quantidade de leitura, embora importante, não resolve sozinha problemas estruturais de fluência e compreensão. Práticas orientadas, nas quais o mediador explicita procedimentos, faz perguntas, modela estratégias e acompanha a autonomia progressiva do aluno, criam condições para que a leitura deixe de ser atividade passiva e se torne processo consciente de construção de sentidos (Solé, 1998).

A psicopedagogia ainda contribui ao aproximar escola, família e estudante. Dificuldades de leitura frequentemente geram conflitos, cobranças excessivas, sentimentos de inadequação e expectativas negativas que interferem na aprendizagem. A orientação aos professores e responsáveis pode favorecer um ambiente mais coerente, no qual o estudante receba apoio sem ser reduzido à dificuldade, tenha acesso a materiais adequados ao seu nível de leitura e participe de práticas que valorizem seus avanços. Essa articulação amplia os efeitos da intervenção. A fluência e a compreensão se desenvolvem com continuidade, frequência e sentido, exigindo oportunidades de leitura que ultrapassem ações pontuais e se integrem ao cotidiano escolar (Martins et al., 2020).

Entre as estratégias psicopedagógicas voltadas à fluência, destaca-se a leitura repetida de textos curtos e significativos, realizada com acompanhamento, feedback e comparação do próprio progresso. Essa prática favorece a automatização do reconhecimento de palavras e reduz a lentidão que compromete a compreensão. A repetição, entretanto, não deve ser mecânica, já que precisa estar vinculada ao entendimento do texto, observação da pontuação,

expressividade e percepção de que ler melhor significa produzir sentido com maior segurança. Quando planejada de forma gradual, essa estratégia favorece a percepção do estudante de avanços concretos na precisão, no ritmo e na confiança, elementos essenciais para enfrentar textos mais extensos e complexos (Martins et al., 2020).

A leitura guiada constitui-se como uma estratégia. Ela coloca o estudante em contato com textos adequados ao seu nível de desenvolvimento, sob mediação de um adulto que orienta a antecipação do tema, esclarece vocabulário, acompanha a oralização, propõe pausas interpretativas e estimula a retomada de informações. Essa prática possibilita que o aluno não fique sozinho diante de suas dificuldades. Ele ainda aprende procedimentos que poderá utilizar de forma autônoma posteriormente. Para que produza efeitos na compreensão, a leitura guiada precisa envolver perguntas abertas, identificação de pistas textuais, relações com conhecimentos prévios e verificação constante do sentido, evitando reduzir-se a uma sequência de correções de pronúncia ou velocidade (Solé, 1998).

O trabalho com consciência fonológica e correspondência entre sons e letras permanece importante para estudantes que apresentam dificuldades na precisão da leitura, especialmente quando ocorrem trocas, omissões, adivinhações ou lentidão acentuada no reconhecimento de palavras. Atividades que envolvem segmentação, manipulação de sons, identificação de rimas, análise de sílabas e relações grafema-fonema podem favorecer a base necessária para uma leitura mais estável. É necessário que elas sejam integradas a textos reais e não isoladas em exercícios descontextualizados. A intervenção psicopedagógica precisa equilibrar o foco nas unidades menores da língua com experiências de leitura significativa. A decodificação é condição relevante, mas não suficiente, para formar leitores capazes de compreender o que se lê (National Research Council, 1998).

A ampliação do vocabulário representa estratégia indispensável para o desenvolvimento da compreensão leitora. Muitos estudantes conseguem decodificar palavras, mas não constroem sentido porque desconhecem termos, expressões, relações semânticas ou usos específicos da linguagem escrita. O psicopedagogo pode trabalhar vocabulário antes, durante e depois da leitura,

explorar palavras-chave, campos semânticos, sinônimos contextualizados, inferência de significado pelo contexto e o uso das palavras em novas situações. Esse trabalho favorece a compreensão porque aproxima o estudante do universo linguístico do texto, reduz interrupções na leitura e amplia sua capacidade de interpretar informações explícitas e implícitas (Santos, 2017).

A estratégia de modelagem da leitura pelo adulto, seguida de leitura compartilhada e leitura autônoma, favorece a construção de fluência. Ela permite ao estudante ouvir ritmo, entonação, pausas e expressividade antes de assumir progressivamente a condução do texto. Essa prática ajuda a superar a leitura monótona ou fragmentada, que muitas vezes impede a percepção das relações sintáticas e semânticas entre as partes do texto. Ao escutar uma leitura expressiva e depois experimentar a própria oralização com apoio, o estudante aprende que a pontuação, a organização das frases e a entonação participam da construção do sentido, tornando a fluência uma ponte entre decodificação e compreensão (Meggiato, 2021).

As perguntas mediadoras são fundamentais para desenvolvimento da compreensão. Não podem se limitar apenas à localização de informações literais ou à verificação superficial de leitura. Perguntas que estimulam previsão, inferência, justificativa, relação entre partes do texto, identificação de intenção comunicativa e avaliação de ideias ajudam o estudante a construir uma postura ativa diante do texto. Elas favorecem o monitoramento da compreensão. A intervenção psicopedagógica pode ensinar o aluno a perguntar a si mesmo o que entendeu, o que não entendeu, quais pistas encontrou e que relações pode estabelecer. Isso desloca o processo leitor de uma atividade dependente do adulto para uma prática progressivamente autorregulada (Solé, 1998).

O uso de organizadores gráficos, mapas de ideias, quadros de personagens, sequência de acontecimentos e esquemas de causa e consequência pode auxiliar estudantes que apresentam dificuldade na retenção de informações e percepção da estrutura textual. Essas ferramentas funcionam como apoio cognitivo. Elas tornam visíveis relações que, para muitos alunos, permanecem dispersas durante a leitura. No entanto, sua utilização precisa estar vinculada à compreensão do texto e não a uma tarefa meramente decorativa. O objetivo é ajudar o estudante a organizar informações, reconstruir a progressão

textual e perceber como as partes se articulam para formar um sentido global (Salles, 2002).

A seleção adequada dos textos é componente essencial das estratégias psicopedagógicas. Materiais excessivamente difíceis podem reforçar a sensação de incapacidade, enquanto textos simples demais podem limitar o desenvolvimento de novas habilidades. O planejamento precisa considerar extensão, vocabulário, familiaridade temática, estrutura textual e objetivos da intervenção, oferecendo desafios possíveis e progressivos. Ao trabalhar com textos significativos, próximos ao interesse do estudante e compatíveis com seu nível de leitura, o psicopedagogo amplia o engajamento e cria condições para que a fluência e a compreensão se desenvolvam em situações menos ameaçadoras e mais produtivas (Zorzi, 2003).

Os efeitos das estratégias psicopedagógicas na fluência leitora podem ser observados na melhoria da precisão, da velocidade, da continuidade e da expressividade. Estes aspectos reduzem o esforço empregado na decodificação e favorecem uma relação mais confiante com o texto. Quando o estudante passa a reconhecer palavras com maior automatização, sua leitura deixa de ser excessivamente fragmentada. Torna-se mais próxima da oralidade significativa, permitindo que a atenção se volte para a interpretação. Esse avanço, entretanto, depende de práticas frequentes e monitoradas. A fluência não se consolida por repetição ocasional, mas por experiências sistemáticas que integram leitura, feedback e compreensão (Cunha et al., 2017).

Na compreensão leitora, os efeitos das intervenções aparecem quando o estudante começa a localizar informações relevantes, estabelecer relações entre ideias, formular inferências, recuperar elementos anteriores do texto e explicar com suas próprias palavras o que foi lido. Essas mudanças indicam que a leitura deixou de ser apenas decifração e passou a envolver atividade interpretativa, o leitor acompanha o desenvolvimento do texto e monitora sua própria compreensão. Estratégias psicopedagógicas bem conduzidas favorecem esse processo ao ensinar procedimentos explícitos de leitura, oferecendo apoio gradual até que o estudante consiga utilizá-los de maneira mais independente (Santos, 2017).

A relação entre fluência e compreensão mostra que intervenções restritas à velocidade podem ser insuficientes quando não incluem trabalho com sentido, vocabulário e estratégias interpretativas. Um estudante pode ler mais rapidamente sem compreender melhor, caso a prática valorize apenas tempo e quantidade de palavras lidas. O acompanhamento psicopedagógico precisa avaliar se os ganhos de fluência estão efetivamente ampliando a compreensão. A leitura fluente deve ser entendida como leitura precisa, ritmada e expressiva, orientada pelo significado do texto. A intervenção precisa preservar o equilíbrio entre desempenho oral e construção de sentidos (Meggiato, 2021).

As estratégias psicopedagógicas produzem efeitos mais amplos quando contribuem para a autonomia leitora. O estudante passa a reconhecer suas dificuldades, utilizar recursos para superá-las, pedir ajuda de forma mais específica e enfrentar textos com menor resistência. Essa autonomia não surge de maneira imediata. Ela é construída por meio de experiências sucessivas em que o aluno percebe que pode avançar, compreender melhor e participar das atividades escolares com maior segurança. Quando a intervenção valoriza pequenos progressos e organiza desafios graduais, a leitura deixa de ser associada apenas ao erro e passa a ser vivida como possibilidade de aprendizagem (Alves, 2018).

A intervenção psicopedagógica também pode impactar a dimensão afetiva da aprendizagem. Estudantes com histórico de dificuldades de leitura frequentemente desenvolvem medo de exposição, vergonha, baixa autoestima acadêmica e recusa diante de atividades escritas. Ao propor práticas mediadas, respeitosas e adequadas ao nível do aluno, o psicopedagogo cria um espaço em que a dificuldade pode ser trabalhada sem humilhação. Isso permite que o estudante reconstrua sua relação com a leitura. Esse efeito subjetivo é relevante porque a permanência em experiências de fracasso reduz o engajamento, enquanto experiências de êxito progressivo favorecem participação, persistência e abertura para novos desafios (Zorzi, 2003).

A eficácia das estratégias depende da continuidade entre avaliação, planejamento, intervenção e reavaliação. Não basta aplicar atividades isoladas sem acompanhar seus efeitos no desempenho do estudante. Registros de leitura, observação de erros recorrentes, análise da compreensão, comparação

de produções ao longo do tempo e diálogo com professores permitem ajustar a intervenção de acordo com os avanços e obstáculos encontrados. Essa perspectiva processual evita que a psicopedagogia seja reduzida a reforço escolar e reafirma seu papel investigativo e interventivo diante das dificuldades de aprendizagem da leitura (Martins et al., 2020).

As práticas psicopedagógicas voltadas à leitura precisam dialogar com a sala de aula. O estudante não lê apenas no espaço de atendimento individual, mas em todas as situações escolares que exigem interpretação de textos, enunciados, problemas, instruções e materiais didáticos. Quando professor e psicopedagogo compartilham informações, definem objetivos comuns e ajustam atividades, as estratégias deixam de ser ações paralelas e passam a compor uma rede de apoio à aprendizagem. Essa articulação favorece maior coerência entre o que é trabalhado na intervenção e o que é exigido no cotidiano escolar. Isso amplia as chances de transferência das habilidades desenvolvidas (Snow, 1998).

Os efeitos das estratégias psicopedagógicas, portanto, não se restringem à melhoria pontual da leitura. Eles envolvem participação escolar, autoestima, autonomia, compreensão de mundo e acesso mais amplo ao conhecimento. A leitura fluente e compreensiva permite que o estudante acompanhe conteúdos, interaja com diferentes gêneros textuais e ocupe posição mais ativa em seu processo formativo. Nesse sentido, investir em intervenções psicopedagógicas para dificuldades de leitura significa reconhecer que aprender a ler não é apenas cumprir uma etapa curricular, mas garantir condições de permanência, aprendizagem e desenvolvimento intelectual ao longo da escolarização (National Institute of Child Health and Human Development, 2000).

## **CONCLUSÃO**

A análise desenvolvida permite compreender que as dificuldades de leitura precisam ser enfrentadas por meio de intervenções planejadas, sistemáticas e fundamentadas. A fluência e compreensão não se consolidam apenas pela exposição repetida a textos ou pela cobrança de melhor desempenho. Quando o estudante apresenta leitura lenta, imprecisa ou pouco compreensiva, torna-se necessário investigar os processos envolvidos, identificar obstáculos específicos e

organizar estratégias que articulem decodificação, expressividade, vocabulário, inferência e monitoramento do sentido. A psicopedagogia mostra-se relevante exatamente por assumir esse olhar integrado, capaz de compreender a leitura como processo cognitivo, linguístico, afetivo e escolarmente mediado.

As estratégias discutidas ao longo do artigo indicam que práticas como leitura repetida, leitura guiada, modelagem pelo adulto, trabalho com consciência fonológica, ampliação vocabular, perguntas mediadoras e organizadores gráficos podem contribuir para a melhoria da fluência e da compreensão quando são aplicadas com intencionalidade e acompanhamento. Seus efeitos tornam-se mais consistentes quando a intervenção não separa mecanicamente precisão e sentido. A leitura fluente precisa favorecer a compreensão e a compreensão precisa orientar a maneira como o estudante lê. Assim, a intervenção psicopedagógica deve preservar o equilíbrio entre automatização, expressividade e construção de significados.

A hipótese de que estratégias psicopedagógicas contribuem para o desenvolvimento da fluência e da compreensão leitora confirma-se na medida em que tais práticas ampliam a segurança do estudante, reduzem o esforço excessivo de decodificação, favorecem o uso consciente de procedimentos interpretativos e criam experiências de leitura menos marcadas pelo fracasso. Entretanto, esses resultados dependem da continuidade das ações, seleção adequada de textos, acompanhamento dos avanços e articulação com o cotidiano escolar. Intervenções pontuais tendem a produzir efeitos limitados diante de dificuldades que foram construídas ao longo do percurso de aprendizagem.

Conclui-se, portanto, que as estratégias psicopedagógicas para dificuldades de leitura possuem importância educacional significativa, especialmente quando compreendidas como parte de uma política pedagógica de acompanhamento, prevenção e intervenção. Ao favorecer fluência e compreensão, essas estratégias ampliam as possibilidades de aprendizagem em todas as áreas do currículo e fortalecem a autonomia do estudante diante dos textos. A leitura, nesse sentido, deixa de ser tratada apenas como conteúdo escolar e passa a ser reconhecida como condição de participação, desenvolvimento cognitivo e inclusão educacional, exigindo da escola práticas consistentes, sensíveis e comprometidas com o direito de aprender.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana Mendonça, MOUSINHO, Renata, CAPELLINI, Simone Aparecida, org. **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. v. 4. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi, MARTINS, Maíra Anelli, CAPELLINI, Simone Aparecida. Relação entre fluência e compreensão leitora em escolares com dificuldades de aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, p. 1 a 8, 2017. DOI: 10.1590/0102.3772e33314.

MARTINS, Maíra Anelli, ALBRECHT, Renata Grazielle M., MOURA, Rebeka Fabri Bonfim, CAPELLINI, Simone Aparecida. Intervenção com a fluência de leitura: scoping review. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 366 a 382, 2020. DOI: 10.51207/2179-4057.20200030.

MEGGIATO, Amanda Oliveira, CORSO, Helena Vellinho, CORSO, Luciana Vellinho. Fluência de leitura: evolução do construto e relações com a compreensão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 51, e07797, 2021.

MORAIS, José, LEITE, Isabel, KOLINSKY, Régine. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem. In: MALUF, Maria Regina, CARDOSO MARTINS, Cláudia, org. **Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever**. Porto Alegre: Penso, 2013.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT. **Report of the National Reading Panel: teaching children to read: an evidence-based assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction**. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 2000.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. **Preventing reading difficulties in young children**. Washington, DC: National Academies Press, 1998. DOI: 10.17226/6023.

SALLES, Jerusa Fumagalli de, PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. Processos cognitivos na leitura de palavras em crianças: relações com compreensão e tempo de leitura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 321 a 331, 2002.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos, FERRAZ, Adriana Satico. Avaliação de habilidades relacionadas à compreensão de leitura no ensino fundamental. **Psico**, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 21 a 30, 2017. DOI: 10.15448/1980-8623.2017.1.24376.

SNOW, Catherine E., BURNS, M. Susan, GRIFFIN, Peg, ed. **Preventing reading difficulties in young children**. Washington, DC: National Academy Press, 1998.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.